

## DO VEROSSÍMIL AO VERDADEIRO: A ESCRITA LITERÁRIA COMO GESTO DE ARQUIVAMENTO EM *OS ANOS* (2008), DE ANNIE ERNAUX

FROM *CREDIBLE TO TRUE*: LITERARY WRITING AS A GESTURE OF ARCHIVING IN *THE YEARS* (2008), BY ANNIE ERNAUX

Ana Lorym Soares\*  
analorym@ufc.br

**RESUMO:** A obra da escritora francesa Annie Ernaux (1940) tem gerado crescente interesse editorial e intelectual no Brasil. Ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 2022, tem sido, por óbvio, desde então, intensamente comentada em nossos periódicos especializados. Não obstante se tratar de literatura, *tout court*, textos impressionantes de Ernaux como *O lugar* (*La place*, 1983); *O acontecimento* (*L'événement*, 2000; *Os anos* (*Les années*, 2008) – podem se converter, para historiadores, em importantes pontos de reflexão teórica, metodológica e temática. A sua maneira refinada de evocar o tempo, as formas de operar o tênue limite entre literatura e factualidade, pessoal e coletivo, estético e político não passam despercebidos ao olhar atento de quem sabe que as narrativas históricas e literárias, uma vez nascidas gêmeas, deveriam ter sua relação mais bem trabalhada. Ao fazer transitar um “eu” e um “outro” do discurso entre referencialidade histórica e literatura, a narrativa produzida pela autora francesa gera consequências relevantes para a literatura contemporânea, mas não só. As escolhas literárias da escritora põem em perspectiva problemas não resolvidos nem na teoria literária nem na historiografia. Neste artigo, investigo o lugar que o hibridismo de gênero assume em sua obra, por um lado, e por outro, como ideias de *temporalidade* e *arquivo* são operadas e colocadas em relação, de modo a corroborar a escolha narrativa que a autora faz. Ambos os processos são acompanhados em *Os anos* (*Les années*, 2008) – livro de Annie Ernaux que é fundamental quanto ao diálogo entre literatura contemporânea e historiografia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Annie Ernaux; Temporalidade; Arquivo.

**ABSTRACT:** The work of French writer Annie Ernaux (1940) has growing editorial and intellectual interest in Brazil. Winner of the 2022 Nobel Prize for Literature, it has, of course, been intensely commented on in our specialized journals since then. Despite being literature, *tout court*, impressive texts by Ernaux such as *The Man's Place* (*La place*, 1983), *Happining* (*L'événement*, 2000); *The Years* (*Les années*, 2008) – can become, for historians, important points of theoretical, methodological and thematic reflection. His refined way of evoking time, the ways of operating the tenuous limit between literature and factuality, the personal and the collective, the aesthetic and the political, do not go unnoticed by the attentive eye of those who know that historical and literary narratives, once born twins, they should have their relationship thought on better. By moving an “I” and an “other” of the discourse between historical referentiality and literature, the narrative produced by the French author generates relevant consequences for contemporary literature, but not only. The writer's literary choices put into perspective unresolved problems neither in literary and nor in historiography. In this article, I investigate the place that gender hybridity assumes in her work, on the one hand, and on the other how ideas of temporality and archive are operated and placed in relation in order to corroborate

---

\* Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

the narrative choice she makes. Both processes are followed in *The Years* (*Les années*, 2008) – a book by Ernaux that is fundamental in relation between literature and historiography.

KEYWORDS: Annie Ernaux; Temporality; Archive.

### *Introdução*

Em 17 de outubro de 2022, na sequência ao anúncio do reconhecimento de Annie Ernaux pelo Prêmio Nobel de Literatura, uma matéria do jornal *Folha de São Paulo* – que mantém cadernos de divulgação e crítica cultural e literária há décadas – chamou-me a atenção pelo tom que utilizou ao comentar a premiação da escritora francesa pelo conjunto de sua obra. O título da matéria indica o sentido da análise, ao sustentar que “Nobel para Annie Ernaux desacredita o romance por ‘trair’ a literatura” (Diniz, 2022). O motivo do “descrédito” seria o fato de a escritora afirmar, de público, que a ficção não é a forma adequada para abordar os assuntos privilegiados em sua prática literária, quais sejam: classe social, família, gênero, memórias pessoais. No corpo do texto, que é assinado por Ligia Gonçalves Diniz – crítica literária e professora de teoria literária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>1</sup> –, salienta-se que, ao entregar 10 milhões de coroas suecas a um escritor ou escritora, o Prêmio Nobel, por sua relevância, designa que tipo de literatura deve ser valorizada, sinaliza o que as editoras devem traduzir, lança luzes sobre autores ignorados, entre outros direcionamentos ao mercado editorial e ao público consumidor.

A hipótese apresentada por Ligia Diniz para a premiação de Ernaux “toca no esforço da intelectualidade em defender o factual, como proteção contra o avanço de negacionismos, *fake news*, verdades alternativas” (Diniz, 2022). O gesto manifesto pelo Nobel de “deslegitimação da ficção na literatura”, acrescenta, seria contraproducente, visto que, diante do cenário político atual, tanto o factual quanto o ficcional precisam ser defendidos.<sup>2</sup> Após listar as experiências possíveis que só a ficção seria capaz de proporcionar aos leitores,

---

<sup>1</sup> Ligia Gonçalves Diniz é autora dos importantes trabalhos *Imaginação como presença* (2020) e *O homem não existe* (2024).

<sup>2</sup> Quando a crítica foi veiculada na *Folha de São Paulo*, estávamos, no Brasil, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais disputadas por Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Este ainda era presidente do país na ocasião, tendo desenvolvido seu governo alinhado às perspectivas atuais de políticos de extrema direita no mundo, praticando e/ou estimulando negacionismos e *fake news*; subvertendo a realidade dos fatos ao mesmo tempo em que operava um rebaixamento da linguagem e da política. Contudo, eu tenho dificuldade em compreender o que significa “defender o ficcional”, por exemplo, visto que, na minha concepção, a única forma de “defendê-lo” é justamente deixá-lo fluir livremente, permitindo-o ser como a arte, em geral, deve ser: livre.

considera que “Não é hora de dobrar a aposta em um recuo da ficção” (Diniz, 2022). A professora até constata que, ao destacar “o valor do relato agudo de experiências íntimas de uma mulher e o quanto elas revolvem questões de gênero e de classe social”, o Nobel reconhece o quanto “esse desnudamento afeta leitores de um modo inédito, cuja pungência a ficção talvez não tenha sido até agora capaz de alcançar” (Diniz, 2022). Porém, acredita que “o prêmio a Ernaux denota também uma incredulidade quanto à força da narrativa ficcional” (Diniz, 2022). O texto é concluído mantendo o tom fatalista que o permeou o tempo todo:

Ernaux leva essa questão às últimas consequências: os fatos, sem firulas, devem ser suficientes, diz a autora. Ela é bem-sucedida. Partindo da hipertrofia do eu e atingindo a experiência coletiva, Ernaux opera um pequeno milagre. Mas milagres são raros, e talvez o radicalismo desficcionalizante da obra da autora seja o canto do cisne do boom da escrita autorreferencial (Diniz, 2022).<sup>3</sup>

Além dessa matéria da *Folha de São Paulo*, muitas outras tiveram Annie Ernaux, seus livros ou seus temas recorrentes como tópico de debate ou simples apresentação, tal qual normalmente ocorre quando se ganha um Nobel de literatura. O que a crítica da professora Ligia Gonçalves põe em relevo é o desalinho, ocasional ou não, entre objetos literários e apreciações e classificações especializadas. Com efeito, o meu interesse com este artigo é duplo: a) interrogar os modos pelos quais o texto literário é *configurado* por Annie Ernaux com base no factual e na referencialidade histórica e pessoal; b) problematizar a *reconfiguração* de seu texto por segmentos da crítica especializada e de seus editores, no Brasil em particular, ao tentar encaixá-lo em um gênero literário mais ou menos fixo. Considero que, ao realizar os dois movimentos, é possível compreender, em certa medida, um desencontro entre uma parte relevante das práticas literárias contemporâneas que se alinham à perspectiva de Annie Ernaux e os leitores especializados que buscam defini-las com base em códigos taxonômicos que podem ser insuficientes para dar conta desses objetos artísticos que já foram chamados, pela crítica literária argentina Florencia Garramuno, de “frutos estranhos”, por terem a inespecificidade estética como característica fundamental (Garramunho, 2014).<sup>4</sup>

Para a composição deste texto utilizei como *corpus* fundamental o livro *Os anos*<sup>5</sup> (*Les années*), em que Annie Ernaux constrói uma versão da História (francesa, mas não só) que

---

<sup>3</sup> Grifos meus.

<sup>4</sup> Vários são os trabalhos atuais que analisam a “inespecificidade” dos objetos literários, ver, por exemplo: Perrone-Moysés (2016) e Pedrosa, Klinger, Wolff e Cámara (2018).

<sup>5</sup> Utilizei a tradução em língua portuguesa publicada no Brasil em 2021.

simultaneamente questiona e complementa o modelo de narrativa histórica predominante na segunda metade do século XX. O recurso a outras obras da autora também fez parte do esforço de investigar, a partir de Annie Ernaux, a relação intrigante entre narrativas literárias e historiográficas em parte significativa da literatura contemporânea.

*“O nome e o como”: o hibridismo de gênero em Annie Ernaux*

*Outros, eles, antes, podiam.*  
Juan José Saer

A abordagem que desenvolvo neste tópico reconstitui e examina os modos de composição textual e o funcionamento que o artifício à factualidade e à referência histórica e social desempenha na obra literária de Annie Ernaux. Esse exercício está pautado pela atenção à composição textual pela autora, por seus testemunhos metarreflexivos e pela recepção de seus textos por segmentos da crítica especializada e de seus editores, no Brasil, ao tentar encerrá-los em gêneros literários estabilizados. De saída importa reafirmar o hibridismo formal característico da literatura praticada por Annie Ernaux, expresso repetidas vezes por ela mesma em textos publicados e entrevistas.<sup>6</sup> Isso me leva a escapar à tentação de delimitar seus livros, na estéril tarefa de decidir entre “relatos memorialísticos e autobiográficos” ou “romance autoficcional”.

Quem manuseia a bem-acabada edição brasileira de *Os anos*, publicada em 2021 pela Editora Fósforo e com tradução sensível de Marília Garcia, percebe a indicação – na ficha catalográfica – de algumas palavras-chave que remetem ao texto: “Annie Ernaux, escritoras francesas, autobiografia, memórias autobiográficas, histórias de vida”, sendo a designação “autobiografia” posta em destaque, abaixo, como principal elemento identificador do livro. Já no *site* da mesma editora, *Os anos* é apresentado como uma autobiografia impessoal,<sup>7</sup> enquanto que sua obra é classificada, em bloco, como “Não Ficção”, na divulgação da caixa comemorativa (Figura 1), onde constam: *O lugar* (2021), *A vergonha* (2022), *O acontecimento* (2022), *Os anos* (2021).<sup>8</sup> Além disso, na primeira linha do texto que acompanha o “box”, está

---

<sup>6</sup> Conferir, por exemplo, a participação de Annie Ernaux na série de entrevistas “Penser le présent” avec Alain Berland, em 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ROJ320ERSUk&t=1529s>. Acesso em: 09 jun. 2024.

<sup>7</sup> Conferir em: <https://www.fosforoeditora.com.br/produto/os-anos-70203>. Acesso em: 09 jun. 2024.

<sup>8</sup> As datas entre parênteses se referem à publicação das traduções brasileiras pela Editora Fósforo. Originalmente, as obras foram publicadas pela Editora Gallimard, uma respeitada casa editorial francesa, nas seguintes datas: *La place* (1983), *La honte* (1997), *L'événement* (2000), *Les années* (2008), conferir em: [https://www.gallimard.fr/catalogue?search\\_api\\_fulltext=Annie%20ernaux](https://www.gallimard.fr/catalogue?search_api_fulltext=Annie%20ernaux). Acesso em: 09 jun. 2024.

indicado que Annie Ernaux é “Pioneira da *autoficção* e da reflexão sobre os desafios do *fazer narrativo autobiográfico*”<sup>9</sup> [...]”.

Figura 1 - captura de tela do site da Editora Fósforo



Fonte: Editora da Fósforo. Disponível em <https://www.fosforoeditora.com.br/produto/os-anos-70203>. Acesso em 09 jun. 2024.

*Os anos* foi publicado pioneiramente, no Brasil, pela editora Três Estrelas, do Grupo Folha, em 2019, com tradução de Rita Mattar,<sup>10</sup> que viria a fundar, em parceria, a editora Fósforo em 2021. Já como editora da Fósforo, Rita Mattar conta, durante uma *live* na internet, que teve dúvidas sobre a inserção de *Os anos* no catálogo da Três Estrelas, especializada em obras de não ficção, por tê-lo lido como “ficção”.<sup>11</sup> Já em texto de 2 de setembro de 2019, da *Revista Continente*, assinado pelo crítico literário e professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), Kelvin Falcão Klein, lê-se: “Ernaux lançou em 1992 seu único *romance*<sup>12</sup> traduzido no Brasil antes de *Os anos*: chama-se *Paixão simples* e foi publicado pela [editora] Objetiva em 1994 (com tradução de Adalgisa Campos da Silva)”<sup>13</sup>.

<sup>9</sup> Grifos meus.

<sup>10</sup> Conferir em: <https://www.fosforoeditora.com.br/quemsomos>. Acesso em: 09 jun. 2024.

<sup>11</sup> Conferir: GARCIA, Marília; MATTAR, Rita; PIMENTEL, Zilmara. “Os anos” e “O lugar”, de Annie Ernaux - Lançamento (2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wv6UiAfAGmQ&t=9s>. Acesso em: 09 jun. 2024.

<sup>12</sup> Grifos meus.

<sup>13</sup> Conferir: KLEIN, Kelvin Falcão (2019). Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/225/os-anos>. Acesso em: 09 jun. 2024.

Os desalinhos e divergências sobre o encaixe genérico dos textos de Annie Ernaux, já mencionados na introdução deste artigo e expostos nas referências relativas às edições brasileiras, permitem alguns encaminhamentos: em primeiro lugar, e que parece mais óbvio, não há uma definição precisa e confortável – ao modo das classificações genéricas estabilizadas nos manuais de história literária – no qual se possa acomodar o tipo de literatura praticada pela escritora francesa; em segundo lugar, e à primeira vista menos óbvio, está o que poderia ser entendido como um mero detalhe, mas é antes um aspecto fundamental da prática literária da autora: a maneira de nomear o que Annie Ernaux faz quando escreve e publica livros. O jogo entre “o nome e o como”,<sup>14</sup> ou seja, o que se diz e como se diz, emerge de uma escolha estética e política consciente que sustenta o projeto literário de Annie Ernaux, pelo menos desde a publicação de *O lugar*, em 1983. Portanto, se no caso das tradutoras, editores e críticos brasileiros da obra de Ernaux é difícil decidir como nomear o tipo de literatura que ela faz – “ficção”, “não ficção”, “autoficção”, “romances”, “memórias”, “autobiografia” e “autobiografia impessoal”<sup>15</sup> –, isso não é por acaso, porque sua obra é feita em grande medida contra o tipo de literatura institucionalizada que opera de um ponto de vista bem delimitado das fronteiras dos gêneros discursivos. O hibridismo formal e a recusa da ficção e do romanesco pela autora se inserem nessa perspectiva.

Annie Ernaux expressa em entrevista ao escritor Frédéric-Yves Jeannet que foi a partir da publicação de *O lugar* que entendeu “a dimensão do aspecto político da escrita e a gravidade do que está em jogo nesse projeto (...)”, e continua, ao citar outro autor francês com o qual ela concorda: “[Roland] Barthes diz em algum lugar que escrever é escolher ‘a área social no seio da qual o escritor decide situar a Natureza de sua linguagem’” (Ernaux, 2023, p. 78). Antes de publicar *O lugar* – obra inaugural do projeto pelo qual a autora se tornou mundialmente apreciada – ela havia publicado livros decididamente ficcionais, os romances *Les armoires vides*, 1974 [Os armários vazios], *Ce qu’ils disent ou rien*, 1977 [O que dizem ou nada] e *La femme gelée*, 1981 [A mulher fria].<sup>16</sup> Ela afirma que até aquele momento – primeira

---

<sup>14</sup> “O nome e o como” faz referência ao título do capítulo “O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico”, que consta no livro *A micro-história e outros ensaios*, de autoria do historiador italiano Carlo Ginzburg, publicado no Brasil em 1991.

<sup>15</sup> Annie Ernaux utiliza ainda o neologismo “autossociobiografia” para designar o tipo de literatura híbrida que produz (Ernaux, 2023).

<sup>16</sup> Não há, até o momento, traduções desses livros no Brasil. Na França, eles foram publicados pela editora Gallimard.

fase de sua carreira – ainda acreditava na identificação entre literatura e romance, sendo, portanto, a ficção a pátria natural da escrita literária. Após a virada provocada pela escrita de *O lugar*, ela passou a recusar a “ficção” e mesmo a “autoficção”, em direção a uma busca do que diz ser o “real”, ao praticar uma escrita “arriscada” que se situa “entre a literatura, a sociologia e a história” (Ernaux, 2023, p. 79-80); uma escrita animada pelo “desejo de perturbar as hierarquias literárias e sociais, escrevendo de maneira idêntica a respeito de ‘objetos’ considerados não dignos de literatura” (Ernaux, 2023, p. 79-80). Entre esses “objetos menos nobres” – supermercados, trem, aborto – ela aponta os “mais nobres” – “mecanismos da memória” e “sensação de tempo” que se mesclam em seus textos (Ernaux, 2023, p. 79-80).

A posição de escritora assumida por Annie Ernaux na nova fase de sua prática literária visa não falsear a realidade da vida e do mundo daquilo que ela escolhe como “objeto”: a vida de seus pais, suas dores, sua classe social, bem como a própria vida da autora, que, embora singular, passa a ser articulada a um coletivo maior e exterior a ela. A essa operação nomeia estranhamente de “escrita neutra”,<sup>17</sup> em que se opera o afastamento de “si” para poder atingir e incluir o “outro” (Ernaux, 2023, p. 45-46). Nesse projeto, consoante ao que considera o escritor paulista Julian Fuks sobre obras de autores que advogam a insuficiência da ficção para a literatura contemporânea, o próprio ato de narrar testemunharia algo, não havendo espaço para a fabulação ou transformação do real pela imaginação. A narração é assim conduzida pela voz quase imediata dos autores, sujeitos cujos nomes se estampam nas páginas dos livros (Fuks, 2018, p. 77). Como na vertente mencionada por Fuks, Annie Ernaux procura construir uma relação com os leitores em que a confiança esteja internalizada no próprio livro, sem a necessidade de declará-la em paratextos, tais como nos pactos de leitura que anunciam de saída em que registro a obra deve ser lida (Lejeune, 2014; Genette, 2009; Vasconcelos, 2007; Fuks, 2021).

O texto posto em epígrafe a este tópico – *Outros, eles, antes, podiam* –, de autoria do escritor argentino Juan José Saer, sintetiza o gesto literário contemporâneo que assevera a impertinência da ficção identificada como simulacro do real. Sobre o fragmento do conto de Saer, Julian Fuks faz as seguintes considerações:

De que falava nesse momento o escritor argentino talvez não seja fácil determinar; o que era exatamente que outros, eles, antes, podiam, e que

---

<sup>17</sup> Com a noção de “escrita neutra” – termo que me soa incômodo – ela pretende nomear uma escrita “sem efeitos estilísticos, sem humor, no limite do despojamento” (Ernaux, 2023, p. 45-46).

estes, nós, agora, não podemos mais. Mas talvez nos caiba a extrapolação de dizer que outros, eles, antes, podiam tudo, podiam conceber uma infinidade de nomes e sobrenomes e atribuí-los aos seus protagonistas, podiam abordar os mais variados conflitos, podiam elaborar os mais diversos enredos desde que parecessem verossímeis, enquanto nós, escritores e escritoras do presente, nos vemos constrangidos, por vírgulas e outros pudores, nos vemos tolhidos em certa liberdade criativa, nos vemos impelidos a rechaçar os fartos enredos *verossímeis*<sup>18</sup> e a substituí-los por algo bem mais raro, bem mais incerto, bem mais resvaladiço: os enredos *verdadeiros*<sup>19</sup> (Fuks, 2018, p. 75).

Entre o “verossímil” e o “verdadeiro”, Annie Ernaux opta pela incerteza de produzir literatura com “enredos verdadeiros”.<sup>20</sup> Conforme ela mesma diz (2023, p. 45), a única maneira justa de trazer à memória, pela escrita, “uma vida aparentemente insignificante, a vida do meu pai, de não *trair* (a ele, ao mundo de onde eu vim, que continua a existir, o dos dominados)”, seria “reconstituir a realidade dessa vida por meio de fatos precisos, por meio das falas que eu ouvi.” (Ernaux, 2023, p. 47). Nesse projeto, as palavras, o ritmo das frases e a sintaxe costuram os objetos oriundos da “exploração da realidade exterior ou interior, do íntimo e do social no mesmo movimento, fora da ficção”, numa operação “clínica” em que sente “a escrita como faca” (Ernaux, 2023, p. 47). A exemplo de Rousseau – tantas vezes citado como influência –, ela acredita não ter o direito de faltar com a sinceridade, de esconder os bastidores de seu trabalho, devendo, pois, “mostrar todas as peças” envolvidas na sua tarefa e “Desmistificar, também, o fechamento da obra” (Ernaux, 2023, p. 49).

É como parte desse universo de questões e posturas que a autora deseja ver seus livros lidos, como escolhas estéticas e políticas resultantes de “pesquisas históricas”, “etnológicas” e “formais” que se aproximariam de um procedimento “arqueológico” que visa a escavar a concretude da vida íntima e social de seus *objetos-personagens* (Ernaux, 2023, p. 45 e 95). O investimento no *dever de memória*<sup>21</sup> e a aproximação à forma historiográfica realizados em suas obras advêm dessa intenção desnudada em suas falas públicas e nos seus textos que “mostram todas as peças” envolvidas na fatura de seus textos. O livro *Os anos* – que considero

---

<sup>18</sup> Grifos meus.

<sup>19</sup> Grifos meus.

<sup>20</sup> Para uma boa apreciação do bedate acerca dos ditos “novos realismos” ver, por exemplo: Cordeiro e Margato (2012) e Franklin (2022).

<sup>21</sup> *Dever de memória* aqui pode ser entendido a partir da conotação ética que lhe atribui o filósofo francês Paul Ricoeur, por remeter à “noção de justiça devida às vítimas” (Ricoeur, 2003, p. 6). Desse ponto de vista, o trabalho literário de Annie Ernaux pode ser entendido como um exercício de *dever de memória*, pelo qual se busca, entre outros objetivos, fazer justiça ao atribuir pertinência literária à vida de pessoas como seus pais.



o maior avanço de seu projeto estético e político – fornece uma excelente oportunidade de diálogos e questionamentos a respeito da escrita literária da vencedora do Prêmio Nobel de literatura de 2022.

*Literatura como “arquivamento” em Os anos (2008)*

*O arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.*  
Philippe Artières

A frase inaugural de *Os anos* é “*Todas as imagens vão desaparecer*” (Ernaux, 2021, p.7). É com essa sentença curta e assertiva que Annie Ernaux inicia a narrativa para a qual lança mão de uma narradora em terceira pessoa a fim de elaborar um texto que opera uma mescla entre uma certa versão da história e uma autobiografia, de onde se obtém uma visão de história inclusiva do ponto de vista íntimo e pessoal. Mesmo tendo afirmado que todas as imagens vão desaparecer, cada seção do livro começa com a descrição de uma fotografia – e muitas outras são comentadas ao longo do livro.

A foto em preto e branco de uma menina com maiô escuro em uma praia de seixos. Ao fundo, as falésias. Ela está sentada em cima de uma pedra achatada, as pernas grossas esticadas diante dela bem retas, o braço apoiado na pedra, os olhos fechados, a cabeça levemente inclinada, sorrindo. Uma grossa trança castanha caída para frente, a outra deixada às costas. A cena mostra um desejo de posar como as estrelas da revista *Cinémonde* ou de um comercial de protetor solar e de escapar daquele corpo de menina, humilhante, sem a menor importância. As coxas e o antebraço mais claros que o resto, desenham a forma de um vestido e indicam o caráter excepcional, para ela, de um passeio até o mar. A praia está deserta. No verso da fotografia: *agosto de 1949, Sotteville-sur-mer* (Ernaux, 2021, p. 29).

Nas páginas seguintes são exploradas as memórias emergidas da situação que a foto encena e assim ocorre a cada vez que uma fotografia é inserida no livro. Quem leu alguns dos romances do escritor alemão W. G. Sebald, por exemplo, pode testemunhar um uso inesperado da fotografia na literatura contemporânea.<sup>22</sup> Mas em Sebald a integridade material da fotografia é preservada em sua constituição pictórica, alinhavada ao texto, sem o ilustrar ou representar. Em *Os anos*, não há registros imagéticos em si, o que encontramos fixado nas páginas é somente texto, que, sem emular a fotografia, a absorve e retira dela rastros de vida *em situação*, fragmentos de memória real ou imaginada. Não obstante a

<sup>22</sup> São exemplos desse uso em *Austerlitz* (2008) e *Os imigrantes* (2009). Ambos os livros foram analisados com muita pertinência por (Aguar, 2011).

fotografia ser um recurso importante na obra de Annie Ernaux,<sup>23</sup> em *Os anos* ela serve ao propósito de provocar a memória e fazer emergir a escrita literária; uma escrita que se quer potente o suficiente para questionar e se interpor à escrita da história. Provavelmente, com esse artifício, a autora pretende indicar o papel relevante que a literatura pode desempenhar no mundo, sendo ainda capaz de se associar a outras linguagens – *memória, fotografia, historiografia* – sem perder sua primazia na enunciação. É possível dizer que aí também se busca fazer as linguagens dialogarem sem protocolos tão nítidos, sem que a escrita literária seja dissolvida entre as fronteiras vizinhas; antes, que a literatura seja capaz de incorporar delas suas qualidades mais marcantes – *sensibilidade, materialidade, factualidade* – de modo a permitir que o livro originado desse processo se afirme como presença no mundo.

Após intercalar as várias imagens que recobrem quase seis décadas de referências à história pessoal, familiar e geracional da fotografada – entretecendo-as a fatos políticos e culturais canônicos ou triviais da França e do mundo –, a narradora revela:

[ela] Gostaria de reunir estas múltiplas imagens de si própria, isoladas e em desacordo, por um fio de narrativa, a narrativa de sua existência desde o nascimento, durante a Segunda Guerra Mundial, até hoje. Gostaria que fosse uma existência singular, mas entrelaçada ao movimento de uma geração. No momento de começar a escrita, sempre esbarra nos mesmos problemas: como representar, ao mesmo tempo, a passagem do tempo histórico (com coisas, ideias e costumes se transformando) e o espaço íntimo dessa mulher? Como fazer coincidir um panorama de 45 anos e a busca de um eu fora da História, constituído de momentos suspensos, um eu que estava presente nos poemas que ela tentava escrever aos vinte anos ... (Ernaux, 2021, p. 162).

A escolha entre “eu” e “ela” emerge como a mais relevante para a proposta de fazer coincidir o panorama dos fatos históricos e a existência singular de uma mulher. No “eu”, ela pondera, “há muita permanência e alguma coisa apertada e sufocante” (Ernaux, 2021, p. 162), enquanto que, no “ela”, existe “muita exterioridade e distanciamento” (Ernaux, 2021, p. 162). De forma pura, talvez nem a primeira pessoa do singular nem a primeira do plural acolheria a contento o programa estético de Annie Ernaux nesta obra. Do mesmo modo, nem o espaço íntimo de uma mulher por si só e nem a forma temporal da história que homogeneiza coisas, ideias e costumes sem a contemplação do que há de íntimo e mezinho se afiguraria

---

<sup>23</sup> A referência a fotografias nos livros de Annie Ernaux é generalizada e esse recurso desempenha papel decisivo na configuração das histórias narradas; em 2005 Ernaux publicou um livro em parceria com Marc Marie sobre fotografia em que exploram certo erotismo nos rastros materiais de seus encontros amorosos. Conferir: *L'usage de la photo* (Ernaux e Marie, 2005).

suficiente. A autora quer fazer coincidir, mediados pela existência de uma geração, o pessoal e o histórico, a vida da mulher e as vidas de tantas outras pessoas cujas existências são abarcadas em camadas espessas pelas sínteses históricas. Annie Ernaux nos faz pensar que a história de uma vida e a de um país deveriam ser de algum modo interpenetradas e tidas como igualmente relevantes.

Sobre o projeto literário em execução em *Os anos*, ela assevera:

A imagem que [ela, a narradora] tem deste livro, no momento em que ele ainda não existe, a impressão que ele deveria deixar é a mesma que experimentou com a leitura de *E o vento levou*, aos doze anos, *Em busca do tempo perdido*, e recentemente, *Vida e destino*. Uma espécie de fluxo de luz e sombra lançado sobre os rostos. Mas ainda não encontrou os meios para chegar ao seu objetivo. Ela está à espera, se não de uma revelação, ao menos de um sinal, que pode ser encontrado por acaso, como a madeleine mergulhada no chá de Marcel Proust." (Ernaux, 2021, p. 162).

Os leitores de Ernaux conhecem a sua prática metarreflexiva. Seus textos trazem comumente uma espécie de exposição dos bastidores do fazer literário, que lhe possibilita meditar sobre a escrita do livro no momento em que ele ainda está sendo escrito, ou seja, no momento em que ele ainda não é. Os dois excertos acima citados sintetizam aspectos importantes do seu projeto. Por um lado, é possível inferir que as fotografias descritas em cada seção do livro atuam como elemento de “revelação” ou “sinal” que desperta a memória, que, uma vez ativada, impulsiona o processo de escrita. De modo comparável ao processo exposto na famosa passagem da madeleine mergulhada no chá de tília do personagem Marcel, as fotografias enfeixadas no livro de Ernaux despertam a memória e garantem o tom pessoal à narrativa. Não é segredo que esse livro é uma espécie de evocação ao projeto literário de Marcel Proust. A narradora indica esse fato, como vimos, e a própria autora comenta isso fora do livro.<sup>24</sup>

Por outro lado, os excertos manifestam o desejo de conseguir alinhar pelo fio da narrativa os fragmentos emergidos das várias imagens (visuais ou não) de si própria que são expressas no texto isoladas e em desacordo – como o é, aliás, a própria vida. Em *Os anos* há uma conexão entre uma existência individual e singular, entrelaçada simultaneamente pelos

---

<sup>24</sup> Conferir, por exemplo, a entrevista que Annie Ernaux (2023) concedeu à jornalista e crítica literária belga Salomé Kiner. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43xI3kLg10E>. Acesso em: 09 jun. 2024.

movimentos de toda uma geração (a de Annie, a narradora) e o fluxo da História, no sentido de atribuir a esta História uma fisionomia humana.

Sobre o foco narrativo escolhido por Annie Ernaux, há outro aspecto a ser destacado: existe uma tensão sobre como se deve narrar: do ponto de vista de um “eu” ou de um “ela”? Já que o “eu” lhe parece cheio de “certezas”, “inteirezas” e “permanências”, e o “ela” afigura-se-lhe “exterior” e “distante”, a solução encontrada foi uma opção pelo caminho da mediação do “si-mesmo como um outro”, que nos remete ao livro homônimo de Paul Ricoeur, para quem a consideração do “si-mesmo como um outro” é a consciência da fragmentação e incompletude do “si-mesmo” como sujeito autocentrado, em contraste com o “eu” desancorado do cogito cartesiano, que, pela sua própria obstinação em querer duvidar, testemunha uma vontade de certeza e de verdade (1991, p. 16), que a autora escolhe evitar em sua obra.

Com efeito, a consideração do “ela” que narra *Os anos* aproximado à ideia de “si-mesmo-como-um-outro” do filósofo francês permite compreender melhor o lugar de onde essa narradora observa a passagem do tempo histórico, o interroga e se interpõe a ele, como parte integrante de sua duração e sucessão.

Porém, no meio do fluxo insignificante dos dias, aquela hora, que continha ao mesmo tempo as torres do World Trade Center destruídas e um compromisso no dentista ou uma revisão no carro, estava salva. O 11 de Setembro repelia todas as datas que tinham nos acompanhado até então. Do mesmo modo que dizíamos “depois de Auschwitz”, passamos a dizer “depois do 11 de setembro”, um dia único. Aqui começava alguma coisa que não sabíamos o que era. O tempo também se globalizava (Ernaux, 2021, p. 191).

Vemos serem colocados lado a lado o *11 de Setembro estadunidense* e os compromissos de rotina que a vida de uma pessoa comum pode abranger: ida ao dentista ou conserto do carro. Muitos aspectos podem ser ponderados a partir dessa relação de eventos: uma possibilidade de leitura é perceber o registro não como descaso com o grave acontecimento citado, relativizando as vidas perdidas ou a sua dimensão geopolítica; eu diria antes que se busca operar uma horizontalização entre os fatos da vida pessoal, das pessoas comuns, e os fatos e relatos do tipo que se vê nos noticiários, nos livros e nas aulas de história. Diria ainda que a História a qual se interroga é aquela consolidada durante a modernidade ocidental na forma de um *singular-coletivo* (Koselleck, 2006, p. 230); grafada com “h” maiúsculo, a dita “história em si”, que se converte em sinônimo de processo global, unívoco

e nivelador das diferentes experiências temporais (Koselleck, 2006). É provável que Ernaux, também com essa passagem, evoque, pela intertextualidade, a célebre anotação do diário de Franz Kafka, quando este registra em 2 de agosto de 1914, em sequência e sem gradação, a eclosão da guerra – que viria a ser mundial – e o horário da natação: “A Alemanha declarou guerra à Rússia – à tarde, natação.” (Kafka, 2021, p. 425).

O tratamento temporal dado ao 11 de Setembro por Annie Ernaux corrobora sua maneira de manejar as pessoas do discurso. O “ela” – que assume o lugar do “eu” – longe de o esvaziar pelo distanciamento, questiona seus limites e o adensa. Desse modo, qualifica-se a voz da narradora, que, ao propor a inserção do íntimo de uma vida na História, busca ver os rostos das pessoas – que, como “ela”, são de carne e osso, amam e sofrem, vão ao trabalho e ao supermercado – e torná-las igualmente valorizadas não só nas narrativas literárias, como também nas narrativas históricas.

Ao passo que escreve *Os anos* – esse texto híbrido entre literatura e história – e o faz com vistas a construir uma dupla presença para seus *objetos-personagens*, a autora mantém-se coerente com a formulação explicitada na entrevista anteriormente mencionada: “escrever dá forma à existência” (Ernaux, 2023, p. 108). Mais uma vez, a aproximação com o pensamento de Paul Ricoeur parece adequado ao adensamento crítico do que podemos ter em mente sobre o ato de narrar. Diz ele, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (Ricoeur, 2010, p. 93). Nesses termos, é possível admitir que, ao escrever *Os anos*, da maneira como o fez, Annie Ernaux não apenas tornou visível o ponto de vista de uma mulher relativamente comum sobre a história de seu país, mas construiu também com seu livro *temporalidade*, ao dar forma, pela escrita, à experiência não só de uma vida, mas de toda uma coletividade, a partir de um ponto de vista provocativo e original. Embora tenha citado datas e marcos históricos canônicos do ponto de vista tradicional e hegemônico, não o fez pela chave da *cronologia* – que é antes o “outro” da *temporalidade* (Ricoeur, 2010, p. 55). Em *Os anos*, há um esforço de tornar visível e compartilhável uma experiência temporal multifacetada que integra diferentes extensões e significados e encontra no livro em questão uma ancoragem material.

Aí também é possível ver surgir, da conexão entre literatura, memória e historiografia, uma dimensão de *arquivo* que o livro assume, clara, sobretudo, nas páginas finais do texto,

quando se desvela a função precípua da obra que está sendo dividida com os leitores. Nos termos da narradora:

Ela só poderia escrever a partir da própria língua, aquela falada por todos, única ferramenta que poderia usar para tratar daquilo que a revoltava. Assim, o livro a ser feito representava um instrumento de luta. Ela não abandonou essa ambição, mas agora tudo o que mais gostaria era de poder captar a luz que toca nos rostos já desaparecidos, nos guardanapos manchados de comida nos encontros de família, essa luz que estava nas histórias contadas aos domingos em sua infância e que continuou encostando em todas as coisas assim que eram vividas, uma luz anterior. Gostaria de poder salvar para sempre os carrinhos de bate-bate no parque de diversões em Bazoches-sur-Hoëne [...] o filme *Vidas sem destino* [...] a mulher da foto do massacre de Hocine, na Argélia, que parecia uma *pietà* (...). *Salvar alguma coisa deste tempo no qual nós nunca mais estaremos*<sup>25</sup> (Ernaux, 2021, pp. 218-219).

Após a morte da mãe, a autora relata que escrever foi o recurso de que se valeu para “fazê-la existir numa forma histórica”, um modo de se salvar ao salvar a mãe (Ernaux, 2023, p. 109). De modo similar, *Os anos* explicita o gesto arquivístico do projeto literário com o qual se pretende salvar do desaparecimento todas as *imagens-vestígio* que sua existência protagonizou e testemunhou (Ernaux, 2023, p. 112). Em consonância ao anunciado na epígrafe a este tópico, pelo escritor Philippe Artières – *O arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência* –, ao arquivar pela literatura a experiência do “eu”, mesmo que transmutado em “ela” e em “nós”, opera-se não apenas um exercício de reconhecimento de “si” – ou “si-mesmo-como-outro” –, mas também e fundamentalmente constrói-se resistência à temporalidade historicista dominante nos livros de história e nos manuais de história literária desde o século XIX; resistência àquela temporalidade que dissolve todos os “11 de setembros” possíveis para fazer com que apenas um ou poucos eventos e sujeitos sejam percebidos como dignos de serem lembrados coletivamente.

### Conclusão

Ao escrever este artigo, procurei reconstituir e examinar os modos de composição dos textos por Annie Ernaux, observando que o artifício à factualidade e à referência histórica e social desempenham importante papel no sentido de dar corpo ao tipo de literatura que ela decide produzir como intervenção política e estética. Ao borrar as fronteiras dos gêneros discursivos e associar a escrita literária a formas outras, como fotografia, memória,

---

<sup>25</sup> Grifos meus.

historiografia, a autora dinamiza sua escrita e consegue abordar temas de maneira que dificilmente conseguiria dentro dos padrões convencionais do romance ficcional. Ao dizer isso, assumo minha crença na pertinência de seu gesto criador, que similarmente ao que foi apontado por Julian Fuks sobre uma parte da produção literária contemporânea, desconfia e recusa o ficcional e formas narrativas que obliteram a relação entre a pessoa que narra e a que assina a obra.

Entretanto, como vimos, Annie Ernaux assume uma radicalidade que contrasta com a postura que Julian Fuks declara ao final de seu texto, ao dizer que “só escrevendo ficções numa era da pós-ficção, algum resquício de realidade o ficcionista poderia alcançar por fim” (Fuks, 2018, p. 92). Sem entrar no ponto de quem teria ou não razão, prefiro pensar que a ousadia do projeto literário de Ernaux, longe de ser índice de obsolescência de qualquer que seja a forma estética<sup>26</sup> – como sugeriu Ligia Diniz na crítica publicada na *Folha de São Paulo* (Diniz, 2022) –, indica antes uma necessária complexificação nas relações entre os campos de pensamento e da produção intelectual e artística. Ao atuar nas fronteiras, a escrita de Ernaux expõe que, em geral, o motor desses campos de conhecimento e criação são relações de poder, disputas veladas ou explícitas pela possibilidade de designar, de nomear, de criar e difundir imagens, memórias e identidades.

Com a leitura de *Os anos*, ficou claro o encaminhamento da escrita de Ernaux no sentido não apenas de contestar as narrativas homogeneizadoras da história que se ensina e se aprende nos meios formais de educação e na mídia em geral. Ela acreditou se interpor e propor uma visão de história que, operada a partir da relação com a literatura, permite expandir as possibilidades discursivas e representativas de uma e de outra, o que, de modo algum, significa que o resultado dessa relação será a solução para quaisquer problemas representativos das narrativas literária e historiográfica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Sérgio. *Literatura apesar de tudo: duas visões sobre o romance melancólico de W.G. Sebald*. Belo Horizonte: Letramento; Temporada, 2021.

---

<sup>26</sup> Sobre as ideias de fins da arte e da literatura, ver, por exemplo, Sússekind (2017) e Perrone-Moysés (2016).

DINIZ, Lígia Gonçalves. *Imaginação como presença: o corpo e seus afetos na experiência literária*. Curitiba: UFPR, 2020.

DINIZ, Lígia Gonçalves. *O homem não existe: masculinidade, desejo e ficção*. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

ERNAUX, Annie. *A escrita como faca e outros textos*. Tradução Mariana Delfini. São Paulo: Fósforo, 2023.

ERNAUX, Annie. *A vergonha*. Tradução Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2022.

ERNAUX, Annie. *Écrire la vie*. [Entrevista concedida a] Alain Berland: Penser le présent avec Le Barreau des Arts em dialogue avec Alain Berland. *Beaux-arts de Paris*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ROJ320ERSUk&t=1529s>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ERNAUX, Annie; MARIE, Marc. *L'usage de la photo*. Paris: Gallimard, 2005.

ERNAUX, Annie. *O acontecimento*. Tradução Isadora de Araújo Pontes. São Paulo: Fósforo, 2022.

ERNAUX, Annie. *Os anos*. Tradução Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

ERNAUX, Annie. *O lugar*. Tradução Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

ERNAUX, Annie. Rencontre avec Annie Ernaux. [Entrevista concedida a] Salomé Kiner: *Passaporta – international house of literature in Brussels*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=43xI3kLg10E>. Acesso em: 09 jun. 2024.

FRNKLIN, Ruben Maciel. *Uma estética inquietante*. Motivos literários na ficção brasileira contemporânea e outros ensaios contra o mal. São Paulo: Lisbon, 2022.

FUKS, Julián. *Romance: a história de uma ideia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FUKS, Julián. A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo. In: *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre; São Paulo: Dublinense, 2018, p. 73-93.

GARCIA, Marília; MATTAR, Rita; PIMENTEL, Zilmara. *“Os anos” e “O lugar”, de Annie Ernaux - Lançamento (2021)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wv6UiAfAGmQ&t=9s>. Acesso em: 09 jun. 2024.

GARRAMUNHO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea*. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Renato Cordeiro; MARGATO, Izabel (Orgs.). *Novos realismos*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

KAFKA, Franz. *Diários – 1909-1923*. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021.

KLEIN, Kelvin Falcão. *“Os anos”*. *Revista Continente*. Recife, 02 set. 2019. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/225/os-anos>. Acesso em: 09 jun. 2024.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.



LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PERRONE-MOYSÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEDROSA, Célia; KLINGER, Diana; WOLFF, Jorge; CÁMARA, Mario (Orgs.). *Indicionário do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

Ricoeur, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas-SP: Papyrus, 1991.

Ricoeur, Paul. *Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica*. Tradução Cláudia Berliner; Revisão Técnica Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Ricoeur, Paul. Memória, história e esquecimento. Conferência escrita e proferida em inglês por Paul Ricoeur a 8 de março de 2003, em Budapeste, sob o título “Memory, history, oblivion”, no âmbito de uma conferência internacional intitulada “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia). Acesso em: jun.2024.

SÜSSEKIND, Pedro. *Teoria do fim da arte: sobre a recepção de uma tese hegeliana no século XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.